

Oscar Gómez Mata apresenta a peça 'Kairos, Sísifos y Zombis' no Cena Brasil Internacional

Diretor e a Cie. L'Alakran vão encenar espetáculo na terceira edição do festival

Luiz Felipe Reis

RIO — Desde que se estabeleceu na Suíça e fundou, há 17 anos, a companhia L'Alakran, o autor, ator e diretor basco Oscar Gómez Mata assinou performances e montagens teatrais de alta voltagem política, estética e filosófica. Desde a encenação de "Açougueiro espanhol" (1997), escrita por Rodrigo García, até suas mais recentes criações, Gomez Mata tem se empenhado em provocar, contestar e desestabilizar nosso olhar e percepção sobre a realidade.

Uma das principais atrações do 3º Festival Cena Brasil Internacional, ele vai apresentar, pela primeira vez no país, uma de suas mais elogiadas criações, "Kairos, Sísifos y Zombis", que faz sessões hoje e amanhã, às 19h, no CCBB. No Rio desde o começo da semana passada, o diretor passou os últimos dias trabalhando com 12 diferentes atores brasileiros, para uma performance a ser realizada no próximo sábado. Intitulada "Sem título", ele prefere manter mistério, e diz que a proposta parte da "ideia de perder peso".

Na entrevista abaixo, Gomez Mata explica as motivações que resultaram em "Kairos...", que se arma em cena como uma investigação sobre a forma como percebemos a passagem do tempo e os limites entre consciência e inconsciência, vida e morte.

Qual foi o ponto de partida, temático ou formal, de "Kairos..."?

"Kairos" surge da ideia de imaginar que, talvez, estejamos mortos, só que ainda não sabemos. Seríamos, portanto, como zumbis, enclausurados e presos como Sísifo no ciclo do eterno retorno. Para sairmos dessa situação, portanto, o que propomos é uma tomada de consciência desse estado e uma aceitação tranquila dele. Só assim poderíamos perfurar a realidade e encontrar uma solução.

Mas como isso é desenvolvido em cena?

A nossa ideia é levar o público a habitar Kairós, que é uma qualidade de tempo esférica, circular, oposta à ideia do tempo cronológico e linear em que desenvolvemos as nossas vidas. Kairós é a possibilidade de acessar outra visão de mundo, outro modo de percepção da realidade, do tempo, de nós mesmos e das nossas vidas. Kairós é o tempo da ocasião oportuna, o momento certo para agir. Estar em Kairós é o estado ideal para o ator.

O que mudou e o que se perpetuou como estilo do grupo desde a primeira peça ("Açougueiro espanhol", de Rodrigo García, em 1997) até os mais recentes trabalhos?

Meu trabalho segue mudando desde essa peça. Ao longo dos anos, investigamos, sobretudo, a relação entre público e obra. Testamos muitas maneiras diferentes de nos aproximar do público, de falar com as pessoas, de provocá-las. Mas, apesar das mudanças, creio que o objetivo último se manteve o mesmo. É como se cada obra dissesse "Somos nós os donos das nossas vidas, podemos escolher ou não escolher, mas não nos enganemos, chega de mentiras". Nesse tipo de proposta há, evidentemente, uma vontade política.

E em relação à pesquisa formal da companhia, ao modo como estruturam seus trabalhos...

Nossas obras passam do palco para salas de exposições, centros de arte, retornam aos teatros... São espetáculos e performances em que, às vezes, o público participa, ajuda a construí-las, em outras apenas escuta ou assiste. Sempre temos em mente para quem estamos trabalhando e para onde pretendemos levar as nossas obras.

De que modo incorpora diferentes mídias ao fazer teatral? Como se dá a interferência do vídeo, da fotografia, das artes visuais e sonoras na pesquisa teatral de vocês?

Mesclar diferentes linguagens faz com que os resultados artísticos sejam sempre diferentes. Para mim é fundamental que a dinâmica do processo já esteja impregnada dessa ideia de mescla. Para "Kairós...", fiz um trabalho preliminar de texto e depois de imagens com Régis Golay, que é um fotógrafo e videoartista, e sua assistente, Chine Curchod. Depois, esse material textual e imagético foi submetido à dinâmica dos ensaios. Ai, tudo

muda, se transforma, volto à reformular, faço uma trama e voltamos à submetê-la às proposições que surgem nos ensaios.

O que ainda o atrai ao teatro?

Paradoxalmente, o teatro é um dos últimos lugares em que a verdade pode vir à tona, aparecer, porque é o lugar em que um acidente pode acontecer a qualquer momento e, então, a ficção se interrompe. O teatro é o lugar em que a verdade e a mentira se fundem e confundem, num jogo anacrônico que vivemos dentro de nós desde a pré-história.

URL: <http://glo.bo/1mc1DIU>

Notícia publicada em 29/04/14 - 6h00 | Atualizada em 28/04/14 - 21h15 | Impressa em 30/04/14 - 06h42